

**A IMAGEM DA MULHER TRABALHADORA RETRATADA PELA ARTE
COMPARADA AO MODELO DE TRABALHO FEMININO APREGOADO PELO
MOVIMENTO DE HIGIENE MENTAL**

Débora Kelly Herculano Machaod Garcia
Maria Lucia Boarini

O resumo que ora apresentamos é fruto de uma pesquisa cujo objetivo foi comparar o modelo de trabalho feminino defendido pelo movimento de higiene mental com a imagem da mulher trabalhadora expressada pelas pinturas artísticas produzidas no Brasil ou por pintores brasileiros na primeira metade do século XX.

O movimento de higiene mental foi difundido pela Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), fundada e reconhecida, em 1923, pelo Governo Federal como órgão de utilidade pública. Os principais objetivos da Liga Brasileira de Higiene Mental eram prevenir e tratar as “doenças nervosas e mentais” e realizar um programa de “[...] Higiene Mental e Eugénica no domínio das atividades individual, escolar, profissional e social” (Caldas, 1930, p. 71). Esta instituição foi dirigida por médicos psiquiatras e composta por profissionais de diversas áreas, como educadores, juristas, jornalistas, entre outros.

Para conduzir este estudo, nos alicerçamos metodologicamente numa concepção histórica. Nesta linha de raciocínio, partimos da premissa de que o homem é um ser histórico e, portanto, prático e social. Toda e qualquer produção humana baseia-se no modo de produção da vida material e nas relações produzidas de acordo com este modo de produção (Marx & Engels, 1984).

Dedicamo-nos a análise de documentos produzidos na primeira metade do século XX, tendo como fonte primária e principal: a) periódicos, Archivos Brasileiros de Higiene Mental (ABHM), publicados pela Liga Brasileira de Higiene Mental (LBHM), bem como outras produções e documentos de caráter higienista produzidos na primeira metade do século XX; b) algumas pinturas artísticas do mesmo período, que retrataram a mulher e o trabalho feminino, produzidas por pintores brasileiros, como Emiliano Di Cavalcanti (1897 - 1976),

Cândido Portinari (1903 - 1962), Tarsila do Amaral (1886 -1973), Lasar Segall (1891 - 1957), entre outros.

O critério de escolha dos *Archivos Brasileiros de Hygiene Mental*¹ e das outras produções de caráter higienista que priorizavam a higiene mental deu-se em razão de sua importância enquanto porta-voz do contexto e período social em que foram produzidos.

Em relação às pinturas artísticas, os critérios de escolha das telas foram: produção na primeira metade do século XX (1901-1950); representação da mulher e/ou do trabalho feminino; pinturas realizadas no Brasil ou por pintores brasileiros, independente do estado ou região; acessibilidade.

Ao optarmos por analisar pinturas artísticas², partimos do pressuposto de que é possível, também por meio da arte, nos aproximar de fatos, características e problemas da época em que foram produzidas. A arte, por ser uma forma de expressão e produção do homem, é também um modo de conhecimento que pode ser utilizado para uma interpretação mais aprimorada da vida passada e presente das sociedades. (Francastel,1973).

Consideramos que a recuperação dos processos históricos é necessária à Psicologia, porque nos permite a aproximação dos modos de vida e relações humanas estabelecidas de acordo com cada tempo e contexto histórico. Explicar a conduta humana vem sendo um dos principais focos da Psicologia, no entanto, se desconsiderarmos o desenrolar da história, estaremos fadados ao equívoco de analisar o homem numa esfera particular e individual.

Embora a Psicologia atribua valor significativo aos desenhos projetivos, como nos testes psicológicos, a arte, em geral, é analisada como um modo de expressão particular e não como uma possibilidade de representar também aspectos sociais do homem e de suas formas de relações. Como afirma Barroco (2007) em relação ao emprego do desenho da figura humana como recurso projetivo, para a autora, esta prática na Psicologia “(...) apoia-se tanto

¹ Os *Archivos Brasileiros de Hygiene Mental* foram documentos produzidos pelos integrantes da *LBHM*, publicados, entre 1925 a 1947, sob a forma de periódico.

² Salientamos que ao nos referirmos a análise da arte não nos detemos aos aspectos técnicos das obras que serão apresentadas. Isto significa que não tratamos de questões relacionadas à luminosidade, sombra, cores e demais características, visto que foge aos propósitos deste estudo e da nossa competência para tanto. Assim sendo, neste estudo, a análise das telas restringiu-se a observação daquilo que cada pintura artística retrata.

naquilo que uma dada pessoa realizou que se esquece de pô-la, juntamente com sua produção, em relação com a sociedade em que vive” (p.18).

Tendo isto em vista, buscamos evidenciar nos documentos higienistas quais foram os encaminhamentos e posicionamentos desta corrente em relação ao trabalho feminino e ao papel social da mulher. À luz dos acontecimentos históricos, comparamos os documentos produzidos pelos higienistas com as pinturas artísticas da época, com a finalidade de refletir sobre o trabalho feminino na primeira metade do século XX, no Brasil.

Neste período, a sociedade brasileira foi marcada por intensas transformações econômico-sociais. A nova ordem social, pautada no trabalho assalariado, exigia novas formas de relações sociais. Envolvidos pelos interesses de redefinição e modernização do país, característicos da época, os integrantes da Liga Brasileira de Higiene Mental, como parte da elite intelectual brasileira, direcionaram seus trabalhos visando redefinir a sociedade brasileira, transformando-a em uma grande nação a exemplo das nações europeias.

O Movimento de higiene mental propunha determinar valores sociais e propagar preceitos e hábitos de vida relacionados à formação do indivíduo mental e moralmente saudável e, acima de tudo, que estivesse apto para contribuir com a nação. Desta ideia, surgiram as preocupações com a infância e, conseqüentemente, deu-se destaque à maternidade e ao papel social da mulher.

A mulher foi incumbida de cuidar, educar e zelar por este homem, o futuro da nação. Nas palavras de Moncorvo Filho (1871 – 1944), importante médico higienista e membro da *Liga Brasileira de Higiene Mental*: “A mãe pode julgar-se afortunada por ter aconchegado o filho ao colo e cobri-lo de carícias, mas a sua grande ventura aparecerá quando o próprio filho for útil aos ideais da humanidade e da nação” (1925, p. 6).

Este modelo de mulher idealizado pelos higienistas pode ser ilustrado e exemplificado pela arte da época, tendo em vista que muitos pintores brasileiros tiveram o tema da maternidade como alvo de inspiração. Destacamos algumas telas: *Maternidade* (Eliseu D’Angelo Visconti, 1906); *Maternidade* (Emiliano Di Cavalcanti, década de 1920); *Maternidade* (Lasar Segall, 1931); *Maternidade* (Tarsila do Amaral, 1938); *Maternidade* (Carlos Prado, 1946).

No entanto, não foi somente este modelo ou esta imagem de mulher que encontramos nas pinturas artísticas. O trabalho feminino realizado fora do lar também foi alvo de inspiração dos pintores da época. Ao apresentarmos as pinturas artísticas que retratam a imagem da mulher trabalhadora nas fábricas, no campo e nos demais tipos de trabalhos realizados fora do lar, a harmonia, a afinção entre a arte e o ideário da higiene mental cessou.

A mulher foi retratada com trouxas de roupa (Lavadeiras, Candido Portinari, 1937), sacas de café (*Café*, Candido Portinari, 1935) ou lenha (Mulher carregando lenha, Candido Portinari, 1945) na cabeça, testemunhando o trabalho pesado realizado por elas. Destacamos, ainda, as telas que retratam mulheres cuidando dos filhos em ambiente de trabalho, amamentando-os próximo à fábrica, em horário de refeição (Operário, Candido Portinari, 1934), ou nos cafezais *Café-colheita* (Quirino Campofiorito, 1930). As situações descritas evidenciam, supostamente, a tentativa da mulher em conciliar o trabalho realizado fora do lar à tarefa de cuidar dos filhos.

Estas imagens da mulher trabalhadora não condizem com o modelo de trabalho feminino proposto pelo movimento de higiene mental. Tal testemunho não evidenciou somente a presença feminina em diversos tipos de trabalho, mas, sobretudo, a existência de classes sociais distintas que nem sempre foram levadas em consideração pelos higienistas. Neste sentido, a arte produzida na época serviu de contraponto, por retratar um país que não estava liberto das heranças coloniais e um povo que, em geral, caminhava descompassado com as propostas de remodelação e modernização social.

No ideário dos higienistas, a família foi idealizada segundo o estilo burguês, composta pela figura do “pai provedor”, pela mulher “higienizada”, ou seja, a “mãe rainha do lar” e pelos filhos – robustos e saudáveis – educados sob os preceitos morais estabelecidos. No entanto, as relações familiares não estavam organizadas desta forma. Para ser a mulher que os higienistas apregoavam, seria necessário ter condições concretas e reais de vida, ou seja, não precisar do trabalho fora do lar para a sobrevivência. A mulher “higienizada” era um privilégio de classe. Entretanto os preceitos higienistas eram direcionados a todas as classes sociais.

Para Moncorvo Filho: “A mãe deve ser sempre mãe, tanto na alta sociedade como na plebe” (1925, p. 6); para o médico Antonio Pinto Machado (1925): “A felicidade dos lares pobres está na razão direta da capacidade da mulher” (p. 312). E ainda, nas palavras de Afrânio Peixoto: “Se o lar não é feliz, a culpa é das mulheres. Das mulheres não educadas, não educadas para esposas e para mães, para o lar” (1944, p. 316).

Assim, na lógica do ideário higienista, em sintonia com a lógica burguesa, a mulher era responsável pela felicidade do lar, bem como pelo futuro da almejada nação composta por homens fortes, saudáveis mental e fisicamente. A mulher serviria como um instrumento ou uma via para transformar o Brasil em uma grande nação.

A arte, enquanto modo de expressão e produção do homem que traz as marcas de seu tempo, neste estudo, proporciona sinais e evidências de que a mulher idealizada pelos higienistas era um privilégio de classe. A mulher “rainha do lar” distinguia-se da mulher “trabalhadora”, em decorrência do modo como a sociedade estava e está organizada e, portanto, das desiguais condições sociais de vida da população.

Referências

Barroco, S. M. S. (2007). *Psicologia educacional e arte: Uma leitura histórico cultural da figura humana*. Maringá: Eduem.

Caldas, M. (1930). A hygiene mental no Brasil. *Archivos Brasileiros de Hygiene Mental, Ano II*, (3), pp. 69-77.

Francastel, P. (1973). *A realidade figurativa: Elementos estruturais de sociologia da arte*. São Paulo: Perspectiva; Editora da Universidade de São Paulo.

Machado, A. P. (1925). Amparo e assistência ás mulheres e creanças proletárias no subúrbio. Em *Anais do Primeiro Congresso Brasileiro de Protecção a Infancia*. Departamento da Creança no Brasil, realizado de 27 de Agosto a 5 de Setembro de 1922, VII Boletim (1924). Teses, Memoriais e Conclusões. Rio de Janeiro: Empresa Gráfica Ed., 1925, II Secção: Assistência. Recuperado em 5 de julho de 2010 de http://www2.dbd.puc-rio.br/pergamum/docdigital/MoncorvoFilho/Rolo2/3_Assistencia.pdf.

Marx, K. & Engels, F. (1984). *A ideologia alemã: Teses sobre Feuerbach*. São Paulo: Moraes Ltda.

Moncorvo Filho, A. (1925). *O dia das mães*: conferência realizada em 12 de outubro de 1925 no Instituto Nacional de Música. Rio de Janeiro: Empresa Graphica. Recuperado em 5 de julho de 2010 de http://www2.dbd.pucRio.br/pergamum/docdigital/MoncorvoFilho/Rolo9/12_Moncorvo_Filho_Arthur_O_dia_das_maes.pdf.

Peixoto, A. (1944). *Eunice ou a educação da mulher* (v. XX). Rio de Janeiro, RJ; São Paulo, SP; Porto Alegre: W. M. Jackson, INC.

Referências das telas citadas

Café, Candido Portinari, 1935 (óleo sobre tela, 130 x 195 cm). Rio de Janeiro. Fonte: Acervo Projeto Portinari (online). Recuperado em 11 julho de 2010 de <http://www.portinari.org.br>

Café-colheita (tríptico), Quirino Campofiorito, 1930 (óleo sobre tela, 45 x 56 cm). Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais (online). Recuperado em 11 julho de 2010 de http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm

Lavadeiras, Candido Portinari, 1937 (têmpera sobre madeira, 46 x 54.5 cm). Rio de Janeiro. Fonte: Acervo Projeto Portinari (online). Recuperado em 11 julho de 2010 de <http://www.portinari.org.br>

Maternidade, Carlos Prado, 1946 (óleo sobre tela, 61 x 49 cm). Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais (online). Recuperado em 5 julho de 2010 de http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm

Maternidade, Eliseu D'Angelo Visconti 1906 (óleo sobre tela, 200 x 165 cm). Acervo da Pinacoteca do Estado de São Paulo. Recuperado em 14 maio de 2010 de <http://www.pinacoteca.org.br>

Maternidade, Emiliano Di Cavalcanti, década de 1920. Fonte: Acervo de obras do site oficial do pintor Emiliano Di Cavalcanti. Recuperado em 14 maio de 2010 de http://www.dicavalcanti.com.br/anos20/obras_20/maternidade.htm

Maternidade, Lasar Segall, 1931 (óleo sobre tela, 54 x 73 cm). Coleção particular. Museu Lasar Segall (São Paulo). Fonte: Acervo Museu Lasar Segall. Recuperado em 11 julho de 2010 de www.museusegall.com.br/img%5Cupload%5CPDFs%5CMD_MLS2005.pdf

Maternidade, Tarsila do Amaral, 1938 (óleo sobre tela, 100 x 80 cm). Coleção Particular. Fonte: Enciclopédia Itaú Cultural de Artes Visuais (online). Recuperado em 5 julho de 2010 de http://www.itaucultural.org.br/aplicexternas/enciclopedia_ic/index.cfm

Mulher carregando lenha, Candido Portinari, 1945 (óleo sobre tela, 41 x 33 cm). Coleção Particular – São Paulo. Fonte: Acervo Projeto Portinari (online). Recuperado em 11 julho de 2010 de <http://www.portinari.org.br>

Operário, Candido Portinari, 1934 (óleo sobre madeira, 32 x 39 cm). Coleção Particular – São Paulo. Fonte: Acervo Projeto Portinari (online) Recuperado em 11 julho de 2010 de <http://www.portinari.org.br>